

BERT HELLINGER: A IMPORTÂNCIA DA VIDA QUE PULSA POR TRÁS DA PESQUISARenata Torri Saldanha Coelho¹

RESUMO: Este estudo buscou demonstrar a história de vida de Bert Hellinger. Bert Hellinger nasceu em 1925 e faleceu em 2019, sendo mundialmente reconhecido como o criador das constelações familiares. Atualmente, o estudo das constelações familiares ingressa no âmbito acadêmico, pois já é uma prática integrativa reconhecida pelo Sistema Único de Saúde e uma forma de resolução de conflitos dentro do Poder Judiciário. Contudo, pelo que o próprio paradigma sistêmico propõe, é impossível abordar um tema isoladamente, sem compreender o contexto em que ele está inserido. Assim, o presente trabalho pontua a história de vida de Bert Hellinger, demonstrando suas constatações sobre o campo sistêmico. Dessa forma, é possível compreender a importância do conhecimento da história de vida de Bert Hellinger para que ele fundamentasse o conhecimento sistêmico, da mesma forma que é possível aplicar tal raciocínio a qualquer pesquisador, pois a história de vida de uma pessoa é indissociável ao seu objeto de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Bert Hellinger; Constelações Familiares; Paradigma Sistêmico.

BERT HELLINGER: THE IMPORTANCE OF THE LIFE THAT PULSES BEHIND THE RESEARCH

ABSTRACT: This study sought to demonstrate the life story of Bert Hellinger. Bert Hellinger was born in 1925 and passed away in 2019, being recognized worldwide as the creator of family constellations. Currently, the study of family constellations enters the academic field, as it is already an integrative practice recognized by the Unified Health System and also a form of conflict resolution within the Judiciary. However, from what the systemic paradigm itself proposes, it is impossible to approach a theme in isolation, without understanding the context in which it is inserted. Thus, the present work punctuates Bert Hellinger's life story, demonstrating his findings on the systemic field. In this way, it is possible to understand the importance of knowing Bert Hellinger's life history so that he could base systemic knowledge, in the same way that it is possible to apply such reasoning to any researcher, since a person's life history is inseparable from his or her research object.

Keywords: Bert Hellinger. Family Constellations. Systemic Paradigm.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é explicar as constelações sistêmicas a partir da história de vida de seu principal idealizador, Bert Hellinger. Compreender como o campo de conhecimento sistêmico foi fundamentado, não só pelas teorias que lhe são inerentes, mas pelo contexto da biografia de seus criadores, se torna coerente com a própria essência do conhecimento sistêmico, já que reconhecer a própria história é uma fonte de força.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2457-0054>. Correio eletrônico: renatatorrisaldanha@hotmail.com.

Abordar a biografia de um “pensador” foge às regras acadêmicas, pois um trabalho científico parte de uma hipótese dentro de determinado paradigma, construindo um diálogo a partir de diversos autores letrados sobre o tema. Não é relevante para a pesquisa saber quem é a pessoa sobre a qual se está escrevendo ou até mesmo quem é a pessoa que está escrevendo, mas no máximo saber de sua dimensão dentro da academia. O que importa é a pesquisa e não a dimensão humana do pesquisador.

Contudo, existem diversos fatores, que estão ocultos por trás de cada um desses pesquisadores. Embora o rigorismo da academia não valorize a subjetividade do pesquisador, as suas experiências e vivências influenciam sobremaneira sua pesquisa, incluindo seus desafios pessoais, seu histórico de vida, seus relacionamentos, seus medos, seus fracassos, seus sucessos, suas expectativas e seus sonhos.

Também não é interessante para o paradigma científico saber a história de vida dos autores citados na pesquisa, pois o que importa é o seu pensamento, sendo muitas vezes desprezadas as experiências que fundamentaram tal pensamento. Há um reducionismo científico objetivista que impede de perceber o que está por trás da pesquisa.

Nesse sentido, Bert Hellinger (2001, p. 09-10) pontua que existem dois movimentos que levam ao conhecimento: o caminho científico e o caminho fenomenológico. O esforço científico é exploratório e busca apropriar-se de um determinado objeto apreensível. O caminho fenomenológico, por sua vez, tem a renúncia como pressuposto para a compreensão. Há uma exposição a uma diversidade de fenômenos, sem avaliação. O olhar é dirigido do restrito ao amplo, do próximo ao distante, do individual ao todo. Cria-se uma tensão a partir desse movimento de detenção e retração, possibilitando a percepção ampla.

Desse modo, dentro do paradigma sistêmico-fenomenológico não há como dissociar o pesquisador da pesquisa. Inclusive, Bert Hellinger afirmou que aceitar, reconhecer e honrar cada etapa de sua vida foi o que lhe permitiu alcançar o conhecimento sistêmico. A história de vida de Bert Hellinger é a fonte de seu conhecimento sistêmico.

Conforme dito, o próprio saber sistêmico implica em uma visão não fragmentada da realidade, mas que considera os fenômenos em sua multiplicidade. Assim, o sistêmico engloba tudo, de maneira que não há como separar a pesquisa do pesquisador, ou seja, dissociar as constelações sistêmicas de Bert Hellinger.

Bert Hellinger, embora tenha muitos livros escritos, não é de categorizar, conceituar ou interpretar as coisas. Ele não generaliza. Bert Hellinger afirma que o que ele diz são coisas que ele

já observou, sem a pretensão de que elas se tornem verdades. Conforme afirma Hellinger (2012, p. 36):

Sempre evito definir conceitos. O que estamos discutindo não são conceitos verdadeiros ou falsos. Eu tento descrever experiências difíceis de um modo que nos possibilite encará-las melhor e seja mais útil às pessoas com problemas. Nada mais. Se pretendermos que nossas descrições são a “Verdade”, elas logo serão uma teoria falsa e desacreditada. O que digo não é absolutamente “verdadeiro”: é apenas uma abordagem fenomenológica de certas dinâmicas que venho observando há anos em meu trabalho com casais e famílias. Eu quero que as coisas parem por aí. Por favor, não exijam do que digo mais do que quero dizer.

Seus livros, traduzidos em muitas línguas, são na maioria reprodução de workshops, em que Bert fala mais em aforismos, pensamentos, contos breves, metáforas, poemas, histórias. Na mesma intensidade de sua simplicidade de leitura vem a complexidade do entendimento, pois nenhuma teoria é capaz de explicar o que só é possível de alcançar com os movimentos da alma, de maneira fenomenológica.

Por isso a teoria sistêmico-fenomenológica não se adequa ao paradigma científico posto. O paradigma científico requer o cumprimento rigoroso de um conjunto de regras metodológicas na descoberta e sua justificação. Hellinger preocupa-se com o fenômeno, sem tentar apreendê-lo ou categorizá-lo. O fenômeno é visto em seu movimento, como um processo vivo². Não há como compreendê-lo intelectualmente.

Bert Hellinger reconheceu que suas experiências de vida, entrelaçadas ao estudo de diversas teorias, sem a intenção de apreensão do conhecimento, possibilitaram o acesso ao campo sistêmico de conhecimento. Por isso, Bert Hellinger não pode ser considerado um filósofo em sentido estrito, conforme ele mesmo aponta:

Na verdade, sou um filósofo. Além disso, faço terapia. No fundo é Filosofia Aplicada. Nesse sentido não sou terapeuta. Contudo eu reflito sobre a vida. Assim gostaria de continuar a trabalhar a serviço da vida, como ela é, sem desejar que ela seja diferente. Não existe nada melhor do que aquilo que é (HELLINGER, 2005b, p. 88).

Desse modo, é extremamente relevante saber quem é Bert Hellinger para além da definição de “o criador das constelações”. Tomar consciência da história de vida de Bert Hellinger, seu trabalho, seus diversos estudos, inclusive seus relacionamentos, torna-se essencial para uma compreensão mais ampla de um tema tão complexo.

² No prefácio à obra “A Simetria Oculta do Amor” (2012, p. 12), Hunte Beaumont critica a linguagem científica afirmando que a precisão da linguagem da ciência depura as coisas até que sobre apenas um só ponto de concordância. Essa precisão científica não alcança a alma. De outro lado, as poesias e contos permitem uma multiplicidade de interpretações, estimulando a alma a explorar novos significados.

A VIDA DE BERT HELLINGER

Anton ‘Suitbert’ Hellinger nasceu em 16 de dezembro de 1925, em Leimen, na Alemanha, em uma família com muitos filhos. Possuía sete anos na época em que Hitler assumiu o poder. Desde os cinco anos de idade já sabia que queria ser padre e aos dez anos de idade (1936) foi para um internato dirigido por missionários de Mariannahill. A vontade de seguir o ministério o influenciou por boa parte de sua vida. Seu pai, homem muito severo, era engenheiro em uma fábrica de armamentos e mostrou certa reserva pela vontade de Hellinger ir para o internato, mas arcou com as despesas. Sua mãe o apoiou irrestritamente (HELLINGER, 2006, p. 12).

No internato teve oportunidade de aprender violino, praticar esportes, realizar apresentações teatrais, bem como tinha acesso a uma grande biblioteca. Foi um tempo muito agradável de sua vida. Em 1941 o internato fechou e Hellinger voltou a morar com os pais na cidade de Kassel, época em que contava com 15 anos. Em virtude da puberdade, estava em um período de rebeldia em que não queria ser mandado (HELLINGER, 2006, p. 12-13).

Nesse ponto já é possível perceber que Bert Hellinger, embora tenha se tornado conhecido no período senil de sua vida, também teve uma infância que foi determinante para sua formação, já que as diversas atividades desenvolvidas no internato ampliaram sua visão de mundo.

Na adolescência de Hellinger o nacional-socialismo era um movimento muito forte na Alemanha. Na época, Hellinger começou a frequentar a residência de seu vizinho “Würmeling”, onde um grupo de jesuítas realizava discussões. Esses encontros faziam bem à Hellinger, pois Hellinger admirava a espiritualidade, a disciplina e a simpatia dos jesuítas. Esse contato com os jesuítas fez com que por algum momento até pensasse em se tornar um deles, mas a tarefa docente inerente à ordem jesuítica afastava tal ideia. Contudo, posteriormente Hellinger veio a tornar-se professor. Assim, Hellinger experienciou um paradoxo: aquilo que o ser humano mais foge (no caso, ser professor), repentinamente o alcança (HELLINGER, 2006, p. 13).

Hellinger voltou aos estudos em Kassel e filiou-se a um pequeno grupo do movimento católico da juventude, o qual era vigiado abertamente pela Gestapo e, inclusive, era proibido (HELLINGER, 2006, p. 13). A participação nessa organização católica ilegal e o seu não envolvimento com a Juventude Hitlerista fizeram com que Hellinger fosse classificado pela Gestapo como “inimigo presumido do povo” ou “elemento potencialmente nocivo” (HELLINGER, 2012, p. 203).

No penúltimo ano do colégio, com 17 anos, seus estudos foram interrompidos e Hellinger e seus colegas foram incorporados à prestação de serviços e, no ano seguinte, foi para o exército. Como o diploma de conclusão escolar estava condicionado à prestação de serviços militares, a fama de

Hellinger perante a Gestapo fez com que o diploma lhe fosse recusado. Hellinger então descreve que sua mãe lutara por ele como uma “leoa” para que o seu diploma fosse expedido, o que de fato aconteceu (HELLINGER, 2006, p. 13).

Assim, Hellinger descreve que sua mãe interveio por ele de modo semelhante ao que qualquer mãe faria nas mesmas condições, pois é algo instintivo e natural lutar pela cria. Bert Hellinger percebeu que o mais decisivo sempre é a relação com a mãe e sua mãe era muito presente, embora fosse uma mãe comum.

Durante a guerra, Hellinger logo foi capturado por tropas americanas na Bélgica. Ficou um ano como prisioneiro de guerra, em um acampamento sob precárias condições. Nessa época, em algumas oportunidades furtou comida. Na primeira vez em que foi pego, foi mandado para a prisão especial por cinco dias, sendo que a maioria das pessoas enviada para esse local morria entre dez e quatorze dias. Na segunda vez, durante o inverno, Hellinger foi colocado em um barracão sem janela e sem cobertor, recebendo apenas pão e água. As pessoas que eram enviadas para esse barracão normalmente tinham a cabeça raspada, eram açoitadas e interrogadas, mas nada disso lhe aconteceu, pois ficou apenas sete dias nesse barracão. Posteriormente, Hellinger tomou conhecimento de que um dos vigilantes “americanos” era na realidade um judeu alemão que entendia tudo o que os alemães conversavam e como Hellinger dizia para os demais alemães não chamarem o vigia de nomes ofensivos, esse vigilante acabou protegendo-o (HELLINGER, 2006, p. 16).

Embora estivesse em situação permanente de risco de vida, Hellinger pressentiu que ter sobrevivido a esse período no barracão sem que lhe raspassem os cabelos era o sinal de que o fim do cativeiro se aproximava e, de fato, cinco dias depois, Hellinger conseguiu fugir. Havia um trem de abastecimento que estava de partida para Alemanha e os camaradas de Hellinger fizeram-lhe um esconderijo em um dos vagões. Os vagões estavam totalmente carregados e os soldados americanos deram-se conta da ausência de um prisioneiro. Embora tenham procurado por Hellinger, não descarregaram todo o trem por isso e seguiram viagem. O trem levou seis dias para chegar à Alemanha e Hellinger saltou do trem perto de Würzburg (HELLINGER, 2006, p. 16).

Em uma constelação sistêmica é comum colocar uma pessoa e atrás delas seus ascendentes, começando pelos pais, depois avós, e assim sucessivamente. Desse modo, é possível perceber toda a força e tensão que estão por trás de uma pessoa. Geralmente, é visto que nas gerações anteriores ocorreram muitos assassinatos, houve guerra, fome, miséria, mortes precoces, doenças e que tais acontecimentos acabam por influenciar as gerações subsequentes. No caso de Bert Hellinger, nem é preciso ir para outra geração, já que ele próprio vivenciou as realidades da guerra, escapando da morte por algumas vezes, experiências que certamente influenciaram a sua vida.

Quando do retorno à Alemanha, Bert Hellinger estava com 19 anos e teve muita clareza em perceber que aquele capítulo de sua vida tinha acabado. Aproximadamente metade de seus colegas e seu irmão haviam morrido e as cidades estavam em ruínas. Passadas seis semanas de seu retorno, Hellinger ingressou em uma ordem religiosa em Berlim, pois a vontade de ser padre estava predeterminada pelo seu sistema familiar (HELLINGER, 2006, p. 18).

Embora já tivesse sua formação em um internato religioso, agora mais maduro, Hellinger compreendeu que o ingresso nessa ordem religiosa foi a introdução à vida espiritual. Por um ano, Hellinger apenas meditava, realizava leituras espirituais, participava de palestras, missas e orações em grupo. Depois iniciou práticas de silêncio, contemplação e recolhimento, começando a desenvolver a sua postura fenomenológica (HELLINGER, 2006, p. 17-18). O fenomenológico, para Bert Hellinger, é a pura contemplação. Quando a pessoa se recolhe é possível alcançar conhecimentos mais profundos, os quais estavam ocultos e se desvendam em sua essência.

Bert Hellinger (2005a, p. 25) descreve o fenomenológico como a ausência de intenção e de julgamento, sem medo, esquecendo-se de tudo e inclusive de si próprio. A pessoa se esvazia e nesse momento qualquer coisa que a impedia de concordar desaparece, resultando apenas o assentimento ao mundo, tal como ele é. Trabalha-se apenas com o momento, sem querer ou saber. Olha-se para aquilo que une por trás de tudo.

Hellinger então fez votos de castidade, obediência e pobreza por três anos, sendo que após esse período, tais votos eram renovados para a vida toda. Com 20 anos foi para a África do Sul pela ordem missionária Mariannahill. Nessa época, já possuía formação superior pela universidade de Würzburg em teologia, filosofia e pedagogia e na África foi novamente para a universidade. Depois, dirigiu uma escola e posteriormente ficou em uma estação missionária, a qual controlava outras dez missões próximas. Contudo, embora desenvolvesse um trabalho em exegese bíblica, Hellinger vê o seu trabalho na África muito mais como algo cultural (HELLINGER, 2006, p. 20).

Hellinger ainda foi vigário na paróquia da catedral, conhecendo pessoalmente todas as famílias da localidade em um período de um ano (eram mais de dez mil cristãos). Ele percebia a forte conexão entre os fiéis e os sacerdotes, diferente da realidade europeia, pois os nativos africanos possuíam uma relação muito viva e de gratidão com os missionários (HELLINGER, 2006, p. 20).

Hellinger estava completamente dedicado ao trabalho, inclusive compôs cânticos religiosos na língua zulu. Posteriormente, supervisionou todas as escolas da diocese e treinava os outros professores. No fim de sua estadia na África, foi diretor de uma escola de elite para nativos, o que considera uma experiência muito especial. Em 1964 Hellinger conheceu a dinâmica de grupo, o que

foi determinante para o seu desenvolvimento pessoal, auxiliando profundamente no desenvolvimento de seu trabalho futuro (HELLINGER, 2006, p. 21).

As dinâmicas de grupo eram organizadas por sacerdotes anglicanos e as pessoas que participavam dessas práticas eram negros, brancos, índios, mestiços, católicos e protestantes. Mesmo na terra do *apartheid*, Hellinger percebeu que qualquer diferenciação, seja de etnia ou de religião, não tem sentido, pois todos estão no mesmo barco. Com as dinâmicas de grupo, Hellinger considera o início das experiências da alma e sua transição para a terapia (HELLINGER, 2006, p. 22-23). Ou seja, em grupo inter-racial e ecumênico.

Nesse momento, ele começou a desenvolver o conceito de boa e má consciência, identificando a existência de três consciências: a consciência individual, a consciência coletiva e a consciência espiritual. A consciência pessoal mede o pertencimento da pessoa a determinado grupo, por isso, é algo volátil, assumindo diferentes padrões de acordo com os valores do grupo. Nesse sentido, aponta Hellinger (2012, p. 19):

Os únicos critérios utilizados pela consciência a serviço da vinculação são os valores do grupo a que pertencemos. Por isso, as pessoas oriundas de grupos diferentes possuem valores diferentes, e as pessoas que pertencem a diversos grupos agem de modo diferente em cada um deles.

Desse modo, seja em relação à segregação racial no *apartheid* ou na perseguição judia no nazismo, Hellinger compreendeu que as pessoas agiam em boa consciência, pois atuavam com os valores do grupo. Assim, Hellinger (2012, p. 16) revelou outro paradoxo: “as piores atrocidades e injustiças são cometidas sem peso de consciência, ao passo que nos sentimos extremamente culpados ao fazer o bem quando isso não condiz com o que os outros esperam de nós”. Bem e mal não são conceitos universais, mas valores moldados por determinado grupo.

As dinâmicas de grupo fizeram com que ele compreendesse que a consciência pessoal é muito estreita e essa lealdade ao grupo gera fraqueza e dependência. Somente com má consciência é possível superar as limitações impostas pelo grupo. Na mesma medida que a má consciência afasta o indivíduo diferente do grupo, a consciência coletiva impele para que ele seja novamente incluído.

Outra influência que Hellinger carrega desse período é a maneira de organização dos zulus, conforme ele destaca:

Primeiramente, o respeito que eles mostram por seus pais. Isso me impressionou muito. Também a segurança com que as mães lidam com seus filhos era impressionante. Dificuldades com filhos é algo que não conhecem. Simplesmente sabem do que as crianças precisam. As mães eram sempre dedicadas. Outra coisa que tomei de lá foi o respeito diante do próximo. Lá cada um pode preservar sua reputação. Impressionou-me também como tomavam suas decisões nas assembleias comunitárias. Trocavam ideias entre si com muita vivacidade, pelo tempo que fosse necessário, até que chegassem a uma solução. Essa forma de convivência também me marcou (HELLINGER, 2006, p. 21-22).

Enquanto missionário, Hellinger estava acompanhando a interpretação moderna da teologia, colocando uma “nova luz” à exegese bíblica, o que fez com que fosse considerado meio herege, acusado de não ensinar conforme a igreja. Hellinger então disse que se não havia confiança em si, entregaria todos os seus cargos, tendo retornado à Alemanha em 1968 após 16 anos (HELLINGER, 2006, p. 21).

Nesse ponto, é possível perceber que Hellinger já se movimentava em um campo mais amplo e enxergava além da estreiteza da teologia dogmática, bem como percebia a multiplicidade de valores culturais, os quais eram igualmente certos e importantes.

A esse respeito, Bert Hellinger (2005a, p. 15) afirma que a dinâmica de grupo permitiu com que ele compreendesse e vivenciasse que necessidades antagônicas podem ser harmonizadas se o grupo consegue reconhecer as diferenças, sem qualquer pressão de uma autoridade, mas do puro encontro de uma pessoa com a outra. A partir desse reconhecimento, surge uma ação conjunta, satisfatória para todos os envolvidos.

Bert Hellinger (2012, p. 202) reconhece que o Sagrado está em toda parte, independentemente da diversidade cultural. Nesse aspecto, ele identificou que alguns rituais e costumes zulus (comunidade africana) possuíam função análoga à missa católica, do que concluiu que existem experiências humanas comuns. Assim, Bert Hellinger incluiu elementos zulus à missa, aceitando e incluindo o diferente.

Hellinger pensava que ficaria na África por toda a sua vida, mas as circunstâncias fizeram com que retornasse à Alemanha quando tinha 45 anos. Na Alemanha continuou ligado à ordem religiosa e oferecia cursos de formação de padres, incluindo a dinâmica de grupo em seus trabalhos, pelo que ficou conhecido. Assim, também era solicitado para trabalhar a dinâmica de grupo em outros ambientes, o que lhe conferiu certa independência em relação à igreja. Aliás, a dinâmica de grupo fez com que ele percebesse que não ocupava mais um lugar seletivo de clérigo, pois era igual aos demais, ampliando seu horizonte mental e espiritual (HELLINGER, 2006, p. 24).

Hellinger sempre foi guiado pelo seu crescimento interno e o estudo de diversas abordagens terapêuticas era, em primeiro lugar, para autoconhecimento. Nesse tempo, buscou também a psicanálise para sua evolução psíquica interna. Posteriormente, começou uma formação psicanalítica em Viena, tendo o aval dos superiores de sua ordem religiosa. Nessa caminhada, conheceu a terapia *Gestalt*, pela qual percebeu que ser padre não representava mais uma expressão apropriada de sua evolução interior (HELLINGER, 2006, p. 24-25). Hellinger (2006, p. 25) descreve detalhadamente essa experiência:

O que é a cadeira quente? É a cadeira onde se senta o cliente com quem o terapeuta trabalha. Ela pode realmente ficar fervendo. Portanto, sentei-me na “cadeira quente”, e Ruth Cohn fez comigo um trabalho maravilhoso. Com sua ajuda encarei o meu futuro. Nessa sessão ficou muito claro para mim que eu deixaria o sacerdócio e a ordem e me casaria. Então ela me fez percorrer todo o grupo em volta e dizer a cada um: “Eu vou sair”. Isto me emocionou muito. A decisão estava tomada, mas o tempo ainda não estava maduro para sua execução.

Depois dessa experiência, Hellinger continuou por mais quatro meses seu sacerdócio, solicitando, enfim, seu desligamento da ordem em Roma, no ano de 1971. Em seguida, conheceu sua primeira mulher Herta e casou-se no mesmo ano (HELLINGER, 2006, p. 25). Herta era freira em um convento em Viena, além de ser psicoterapeuta e assistente social. Herta e Bert desenvolveram uma amizade e, posteriormente, ela deixou o convento e se casaram (HELLINGER, 2020, p. 102).

Hellinger continuou como seu trabalho com a dinâmica de grupo. Um ano depois mudou-se para Salzburgo, associando-se a um círculo de trabalho em psicologia profunda (HELLINGER, 2006, p. 25). Nessa época, dedicou-se ao estudo da terapia primal, de Arthur Janov, introduzindo-a na dinâmica de grupo. Para Janov, psicólogo que seguia a linha freudiana, as experiências e vivências traumáticas ocorridas na primeira infância seriam responsáveis por doenças psíquicas e físicas. Essa dor primal, quando reconhecida, promove a liberação do trauma e libera o caminho para uma vida saudável (HELLINGER, 2020, p. 113-114).

Na sequência, Bert Hellinger estudou a *gestalt-terapia*, terapia primal, análise transacional de Eric Berne e análise do *script* (HELLINGER, 2006, p. 25), descobrindo que existe um *script* que reflete os traumas da família. Depois estudou hipnoterapia de Milton Erickson e a programação neurolinguística (HELLINGER, 2006, p. 29). Além disso, Bert Hellinger foi influenciado por Martin Heidegger no âmbito da filosofia e pela ópera de Wagner, na música (HELLINGER, 2012, p. 203).

Somando ao trabalho com grupos, Bert Hellinger iniciou o trabalho com as constelações familiares, dando-lhe um novo desenvolvimento, a partir do qual tudo se harmonizou (HELLINGER, 2006, p. 30). Bert pontua que a constelação familiar não foi um conhecimento que caiu do céu para si, pois era algo que se anunciava também em outras mentes brilhantes. Contudo, acessar esse conhecimento só foi possível por toda sua trajetória anterior, especialmente a teoria do *script*:

De repente, ficou claro para mim que a maioria dos *scripts* não está relacionada a experiências pessoais. Ao contrário, são assumidos por outros membros da família. O *script* que desempenhamos em nossa vida já foi apresentado antes por outra pessoa de nossa família. No fundo, nós o assumimos e repetimos. Nesse momento, entendi o que significa envolvimento: em nossa vida, estamos envolvidos no destino de outra pessoa. Também entendi o que leva a esse envolvimento: estamos envolvidos no destino de pessoas que se perderam de nossa família porque foram esquecidas ou excluídas por ela. De repente, compreendi o que ocorre nas constelações familiares. Por meio do representante, vem à luz quem são esses excluídos e como podem ser trazidos de volta para a família e nosso coração, aliviando o sofrimento de culpa (2020, p. 130-131).

Desde essa época Bert Hellinger dedicou-se a construção do paradigma sistêmico, compreendido como o reconhecimento e a aceitação de tudo e todos, sem exclusões ou diferenciações, do jeito que são. Todos os elementos fazem parte do todo e são igualmente importantes. O reconhecimento e a aceitação de todos fazem com que, em última análise, todos se enxerguem como iguais e possibilita a conexão uns com os outros e o reconhecimento recíproco da condição humana de cada pessoa.

Nesse sentido, Hellinger (2010, p. 102-103) afirma que o que liga todos os seres humanos é um conjunto de traços comuns: “a mesma natureza, o mesmo anseio, a mesma felicidade e infelicidade, o mesmo começo, a mesma vida e a mesma morte. O que nos liga também é a mesma ameaça, os mesmos medos, o mesmo desafio e o mesmo fracasso e sucesso”.

No final dos anos 1990, Bert Hellinger conhece Sophie Erdödy, uma aluna que era muito dedicada e buscadora de práticas que levassem ao autoconhecimento. Nesse mesmo período, Herta e Bert começaram a se distanciar cada vez mais, sobretudo porque Herta não demonstrava interesse em conhecer o trabalho de seu marido. Em 2001 houve a separação do casal. Em 2002 Bert começou a se relacionar com Sophie e em 2003 se casaram (HELLINGER, 2020, p. 209-212).

Bert e Sophie começaram a trabalhar em conjunto, ampliando as constelações e descobrindo novas dimensões para esse trabalho, agregando o elemento masculino e feminino:

Algo a mais deve se considerar. Sophie e Bert têm insights que estão amplamente ligados com o fato dela estar aberta como mulher e Bert como homem. Seus insights lhe são transmitidos como homem, e os dela, porque ela estava aberta como mulher para eles. Por isso eles se complementam como homem e mulher. Bert permanece com seus insights e suas aplicações um homem em todos os sentidos. Assim muito permanece misterioso para ele, para onde Sophie é levada como mulher, e vice-versa. Eles trabalham juntos como homem e mulher, ambos dependendo do outro e estando ao lado do outro, sem desejar ou ambicionar, o que é essencialmente do homem ou da mulher, algo para si mesmo. Isso então é mais um aspecto que experienciamos na Nova Constelação Familiar. Assim como cada um, como homem ou mulher, permanece imperfeito, assim nós também permanecemos, se nós fazemos a experiência unicamente como homem ou mulher levados por esta consciência que abrange a tudo. A vida necessita de ambos. A nossa consciência necessita de ambos. O nosso sucesso necessita de ambos – e assim também a constelação familiar (HELLINGERSCHULE, 2018).

No início de 2018, Hellinger transferiu todas as suas atividades para a sua esposa, Sophie e já sentia que estava muito mais acompanhando-a, pois ela continuava desenvolvendo a constelação.

Em 2018 lançou sua autobiografia, classificando-a como sua última obra extensa:

Com minha autobiografia, iniciei uma viagem. Uma viagem ao passado que me conduz ao presente. O homem encontra a criança, a velhice encontra a juventude, o fim próximo encontra o começo. Percorri minha vida, que se encerrará em um círculo ao qual ainda falta um último pedaço. Esse pedaço é o futuro, do qual me resta apenas um pouco. Olho para ele sem melancolia, pois muito tempo me foi dado. Um tempo rico, que pude moldar enquanto ele me marcava. Com todos os acontecimentos e todas as pessoas, com todos os conhecimentos e pensamentos. Assim, olho para esse tempo com muita gratidão e humildade. Ele foi bem-intencionado comigo (HELLINGER, 2020, p. 19).

Em 19 de setembro de 2019 Bert Hellinger faleceu, aos 93 anos. Atualmente seu trabalho continua através de sua esposa, que coordena a Hellinger Schule e ministra cursos, seminários, oficinas e workshops em diversos países do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar filosoficamente um tema é uma forma de superar limitações pessoais, ao mesmo tempo em que possibilita certo grau de autoconhecimento. Inclusive, por meio de uma compreensão sistêmico-fenomenológica, cada pessoa se torna buscadora de um tema que é inquietante para si, por uma pressão do sistema que atua sobre ela. Assim, por trás de cada pesquisador existe uma explicação para o motivo de ter escolhido estudar determinado filósofo.

Bert Hellinger sempre deixou claro que o contato que tinha com diversas terapias era, em primeiro lugar, para um crescimento interno e ele conseguiu demarcar a busca que guiava cada etapa de sua vida. Assim também ocorre com cada pesquisador, que é um ser único, que pode estar pesquisando um tema amplamente debatido, mas fará algo único com aquilo, pois a subjetividade de cada um orienta a pesquisa.

Além disso, o trabalho de pesquisa gera um amadurecimento científico que reflete também em uma dimensão pessoal. Por isso, a pesquisa não pode ser vista como um recorte. É necessário reconhecer a singularidade própria do pesquisador para compreender a própria pesquisa.

Compreender sistemicamente o trabalho científico permite humanizar a academia, resgatando a própria humanidade e aceitando tudo que a condição humana implica.

REFERÊNCIAS

HELLINGER, Bert. **A fonte não precisa perguntar pelo caminho**. Tradução: Tsuyuko Jinno-Spelter. Revisão: Wilma Costa Gonçalves Oliveira. Patos de Minas: Atman, 2005a.

_____. **A simetria oculta do amor**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Meu trabalho: minha vida. A autobiografia do criador da Constelação Familiar**. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Cultrix, 2020.

_____. **Ordens da ajuda**. Tradução: Tsuyuko Jinno-Spelter. Revisão: Wilma Costa Gonçalves Oliveira. Patos de Minas: Atman, 2005b.

_____. **Pensamentos sobre Deus**. Tradução: Lorena Richter, Tsuyuko Jinno-Spelter. Patos de Minas: Atman, 2010.

_____. **Um lugar para os excluídos**. Tradução: Newton A. Queiros. Patos de Minas: Atman, 2006.

HELLINGER SCHULE. **A nova constelação familiar**. 2018. Disponível em <https://www2.hellinger.com/pt/pagina/bert-hellinger/a-nova-constelacao-familiar/>). Acesso em: 10/12/2022.